

VISÃO DO CORREIO

Brasil precisa de um divisor de águas contra o câncer

Marcos das ciências médicas têm, entre os principais efeitos, queda na mortalidade de pacientes e melhora da qualidade de vida. Alguns são tão expressivos que, ao romperem paradigmas, mudam também o rumo da humanidade. A descoberta da penicilina inaugurou a era dos antibióticos, revolucionando o manejo de infecções até então consideradas fatais. O mapeamento do genoma humano impulsionou a medicina personalizada e o diagnóstico precoce de doenças raras. Um estudo apresentado na sessão plenária do maior congresso de oncologia do mundo, na semana passada em Chicago, nos Estados Unidos, tem credenciais para entrar nessa seleta lista.

Ovacionada por milhares de participante da reunião anual da Sociedade Americana de Oncologia Clínica (Asco), a pesquisa, em fase final, promete ser uma virada de chave no tratamento do câncer de pâncreas, um dos tumores mais temidos devido à alta capacidade de disseminação e de resistência às terapêuticas disponíveis. O daraxonrasib chegou a proteínas da doença até então inacessíveis a medicamentos, reduzindo em 60% o risco de morte de pacientes com o câncer em estágio metastático e dobrando a sobrevida mediana, quando comparado aos resultados da melhor quimioterapia.

Como as mutações “indrogáveis” estão ligadas a outros tumores, de pulmão e colorretal, por exemplo, fala-se em avanços terapêuticos ainda mais abrangentes. Ao **Correio**, o oncologista Igor Morbeck, que estava na plenária, definiu o estudo como um “divisor de águas muitíssimo

importante”, ainda que haja limitações no acesso. Não se tem informações sobre quanto custará o tratamento e quando estará disponível. A agência reguladora dos Estados Unidos, onde a droga foi criada, a incluiu na lista da “fila rápida” para aprovação, mas a chegada a outros países tende a ser demorada.

Tratamento que bloqueiam as mesmas proteínas, ainda que de forma mais limitada, custam em média R\$ 90 mil por mês no Brasil. Portanto, não é exagero concluir que a revolução no tratamento do câncer de pâncreas será limitada por aqui — o gasto médio anual com pacientes oncológicos no SUS gira em torno de R\$ 9 mil. Enquanto se aplaude revoluções terapêuticas na Asco e se discute que cânceres são cada vez mais manejados como doenças crônicas — pelos avanços médicos —, o Brasil amarga número desenfreados de mortes e diagnósticos da doença.

São descobertos todos os anos 781 mil novos casos no país — em média, 90 a cada hora. Desses, mais de 60% já estão avançados, com chances menores de um desfecho positivo. De cada 10 mortes em razão de tumores malignos, quatro seriam evitadas com mudanças de hábitos ou melhor acesso à assistência médica. Trata-se de um grande desafio em saúde pública. E é preciso romper paradigmas internos para mudar essa realidade. Sem investimento maciço em inovação científica, prevenção e diagnóstico precoce, a realidade do câncer no Brasil seguirá limitada ao manejo da criticidade. Não se avança. Equipes de saúde, pacientes e familiares estão, a todo tempo, lidando com as gravidades.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Aposentadoria especial

A decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) que derruba a idade mínima na aposentadoria especial é o reconhecimento de uma realidade. Não dá para exigir que um trabalhador adoeça mais tempo para ter o direito de se aposentar. Quem trabalha exposto ao risco ganha desgaste e perda de saúde. Entretanto, a reforma da previdência de 2019 tentou transformar esse sofrimento em economia para o Estado, como se o corpo do trabalhador fosse uma conta ajustável. O Brasil precisa parar de tratar os trabalhadores como números!

» **Pacelli M. Zahler**
Sudoeste

Facções

Assistindo ontem ao programa *Fantástico*, da TV Globo, me convenci de que o governo federal tem que tomar uma atitude drástica contra o Comando Vermelho (CV) e o Primeiro Comando da Capital (PCC). Nossa população mais vulnerável está sofrendo horrores com o crime organizado ou grupos terroristas internacionais, como chamou o governo dos Estados Unidos. Em um ano eleitoral, duvido que os governos deixem isso passar em branco. Mas será mesmo que vai haver alguma reação à altura para receber os votos desses mártires? Ou vão continuar sem dar importância e assistência aos mais humildes? Que Deus nos acuda!

» **João Coelho Vitória**
Asa Norte

Escassez de engenheiros

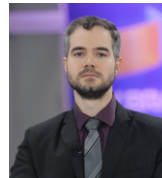
O Brasil não sofre apenas com a falta de engenheiros, como mostrou reportagem do **Correio** publicada na edição do último domingo. Sofre com a falta de valorização dos engenheiros. Querem profissionais qualificados, com experiência, pós-graduação, conhecimento técnico e responsabilidade por obras que movimentam milhões, mas, muitas vezes, oferecem salários incompatíveis com a importância da função. Depois de anos desestimulando a profissão, o mercado se surpreende com a escassez de mão de obra qualificada. A conta chegou. Não existe infraestrutura forte sem engenharia forte. E não existe engenharia forte sem a valorização profissional.

» **Luiz Neto**
Brasília

Elogio do amor

Para Alain Badiou, o amor ocupa lugar central na filosofia. Ao lado da política, da arte e da matemática, ele é apontado como uma das quatro condições fundamentais do pensamento filosófico. Na obra *Elogio ao amor* (2013), o filósofo francês rompe com interpretações reducionistas que tratam o amor “entre tapas e beijos”. Badiou defende que o amor é um processo de construção de verdade, resultado do engajamento existencial recíproco entre os sujeitos envolvidos. Mais do que uma experiência afetiva, o amor é um evento metafísico de passar a olhar o mundo a partir do prisma de dois e não mais de um, ampliando a compreensão da existência humana e desafiando a lógica individualista que reduz o valor da vida.

» **Marcos Fabrício**
Asa Norte



RONAYRE NUNES
ronayrenunes@dabr.com.br

Como ser um homem

“Tenho um pouco de pena dos meninos que estão se tornando homens agora. Têm de sempre serem os machões.” Recentemente, esse comentário de um colega de Redação me fez pensar. Por ironia do destino, ou talvez como um sinal para produzir este texto, naquela mesma noite terminava a série *Pela metade*, que aborda exatamente os ângulos mais sombrios do que significa, afinal, “ser homem”. Refletir sobre a masculinidade no mundo moderno passa longe de ser um exercício banal; na verdade, está se tornando algo imprescindível.

Não é de hoje que o conceito de virilidade ocupa um espaço quase mítico no imaginário social. Desde a década de 1930, com as primeiras tirinhas do *Super-Homem*, a mídia ajudou a impulsionar a ideia de que a masculinidade deveria estar obrigatoriamente atrelada à força física e, não raro, à violência.

Essa ideia foi se transformando e ganhando novos contornos. Como querose jogado no fogo de uma estrutura que já era trópega, as redes sociais aceleraram o processo de degradação desse conceito. Plataformas digitais transformaram a masculinidade em um retalho de preconceitos. O avanço do movimento red pill colocou a figura masculina em rota de colisão e superioridade com a feminina, condensou o valor do indivíduo ao sucesso financeiro e resgatou homofobias e intolerâncias que pareciam enterradas.

“Ser homem” atualmente superou as discussões de identidade e migrou para o plano do puro status social. Vídeos de pais visivelmente decepcionados em chás de revelação ao verem a fumaça

rosa já viraram motivo de comédia apelativa. Da mesma forma, tiktoks de mulheres em baladas LGBTQs reclamando que “não existem mais homens” funcionam como um alívio cômico em devaneio.

Em *Pela metade*, o público acompanhou a história de Niall (Jamie Bell), um jovem introvertido que se vê obrigado a conviver com o estereótipo mais clássico do “macho alfa”. Seu contraponto é Ruben (Richard Gadd), um sujeito violento, obstinado por conquistas amorosas e que desconhece limites éticos. Mesmo sendo uma figura claramente nociva, Ruben acaba se tornando a bússola moral de Niall, que acredita ter encontrado o mentor ideal de como “ser um homem”.

É evidente que discussões profundas sobre gênero e comportamento não serão totalmente superadas nas páginas de opinião dos jornais, mas este espaço serve como um ponto de partida urgente. Os dados reais mostram que a masculinidade tóxica cobra um preço altíssimo de sangue e dor na estrutura do nosso país.

A Pesquisa Nacional de Violência contra a Mulher, promovida pelo Instituto Pesquisa DataSenado em 2025, apontou que 3,7 milhões de brasileiras sofreram algum tipo de violência doméstica ou familiar. O cenário de intolerância de gênero também se estende à comunidade da diversidade: o Brasil segue liderando rankings mundiais de mortes violentas de pessoas LGBTQ+.

Às vezes, diante de estatísticas tão alarmantes e cruéis, vale o exercício de refletir: quantos desses crimes cotidianos não foram motivados, no fundo, pelo desespero de alguém tentando provar ao mundo “como ser um homem”?

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara E se mais mundo houera, lá chegará”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	R\$ 1.187,88
			360 EDIÇÕES (promocional)
Assine (61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991 58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131



D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h / domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br